

FONTE : JB

CLASS. : 15

DATA : 27 09 90

PG. : 13

Colonização ameaça Amazônia com esquistossomose e Chagas

O desmatamento e as migrações de colonos de outras regiões do país poderão tornar a doença de Chagas e a esquistossomose endêmicas também na Amazônia. Estudos feitos por cientistas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com base em levantamentos de campo da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam), confirmaram a presença na região de caramujos e barbeiros infectados pelos parasitos dessas doenças.

Tradicionalmente, as espécies de barbeiro — transmissor da doença de Chagas — existentes na Amazônia são silvestres. Ou seja, não freqüentam as habitações humanas. "Mas com a destruição das matas, o inseto que sugava o sangue dos animais silvestre para sobreviver, contaminando-os, passa a procurar o homem, atraído pela luz elétrica e de lâmpião das localidades", adverte o pesquisador Roberto Millward, da Fiocruz. Isso significa que o comportamento do barbeiro pode estar mudando em função da presença humana na área — o primeiro caso de infecção por doença de Chagas na região foi notificado há seis anos, em Belém.

"Além disso, o próprio homem pode estar levando para a Amazônia barbeiros de regiões endêmicas, junto com a bagagem", ressalta o cientista. E há ainda outra preocupação: se a doença tornar-se endêmica na Amazônia, como prevêem os pesquisadores, a multiplicação do número de casos poderá ser arrasadora devido à falta de controle do sangue nessas áreas. "Só num estado do Sudeste como São Paulo há mais de 10 mil novos casos anuais de doença de Chagas provocada por transfusão de sangue contaminado", enfatiza Millward, prevendo o que poderá ocorrer na Amazônia.

A situação da esquistossomose é semelhante. Cientistas da Fiocruz encontraram caramujos transmissores da doença em cerca de 30 municípios amazônicos e há um foco ativo de moluscos infectados pelo parasito da doença em Belém. "Para fazer o controle, há necessidade de um esforço muito maior para identificar a fauna de caramujos da Amazônia", sugere Millward, cientista que apresentará os resultados desses estudos no Primeiro Simpósio Internacional de Estudos Ambientais em

Florestas Tropicais Úmidas, em Manaus, de 7 a 14 de outubro.

A doença, endêmica no Nordeste em Minas Gerais, onde afeta 12 milhões de pessoas, pode atingir igual ou maior proporção na Amazônia, situando-se ao lado de outras enfermidades como a malária, leishmaniose e hepatite B. Além da espécie de caramujo *Biomphalaria glabrata*, os pesquisadores identificaram há seis anos outro tipo de caramujo, o *Biomphalaria amazonica*, que também são suscetíveis ao parasito da esquistossomose — ainda não foram encontrados caramujos infectados na natureza.

"Mas basta a presença de um indivíduo infectado para que o molusco se infecte e transmita o parasito a outros homens", alerta Millward. Segundo ele, a migração de nordestinos causou o surgimento do primeiro foco de esquistossomose na Amazônia, descoberto em 1950, na área de cultivo de borracha conhecida como Fordlândia — o foco só foi erradicado quando o projeto de extração da borracha acabou.